

ESCREVIVÊNCIAS OF BLACK WOMEN IN *NEGRAS CRÔNICAS*: ESCURECENDO OS FATOS

Zidelmar Alves Santos¹

NEGRAS Crônicas: escurecendo os fatos. Rio de Janeiro: Villardo, 2019, 152p.

A literatura afro-brasileira tem se destacado nos últimos anos como importante veículo de resistência das mulheres negras contra a opressão do mundo patriarcal. A história de mulheres fortes, donas de si, que em meio às dificuldades impostas pela sociedade racista demonstraram sua força se destacaram em obras como *Um defeito de cor*, de Ana Maria Gonçalves (2017), e *Ponciá Vicêncio* (2003), de Conceição Evaristo, dentre outras.

A recente presença de *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus (2007), em listas de mais vendidos do ano de 2019 do site *Amazon* também indica a força de obras que denunciam as dificuldades enfrentadas pela mulher negra na luta pela sobrevivência. Entretanto, sabe-se que o meio editorial brasileiro é majoritariamente branco, pois:

Entre 2004 e 2014, apenas 2,5% dos autores publicados não eram brancos. No mesmo recorte temporal, só 6,9% dos personagens retratados nos romances eram negros, sendo que só 4,5% eram protagonistas da história. E, entre 1990 e 2004, o top cinco de ocupações dos personagens negros era: bandido, empregado doméstico, escravo, profissional do sexo e dona de casa. (OLIVEIRA, 2018, *on line*).

¹ Mestre em Letras pela Universidade Estadual de Santa Cruz – Brasil. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-8052-524X> E-mail: zid175@hotmail.com.

É nesse contexto que surge a coletânea intutulada *Negras crônicas*: escurecendo os fatos, dando espaço e voz a mulheres que, assim como muitas outras, foram e são silenciadas pelos meios canônicos, bem como pela sociedade racista. A obra nasceu da colaboração de 24 escritoras, e é composta por 30 contos/crônicas que abordam o racismo contra a mulher negra em suas diferentes facetas.

O conto “Pretinhas”, de Kaliana Oliveira da Hora, inicia a obra e já indica o ponto de vista a ser abordado pelas demais autoras nos contos seguintes, quando expõe o desejo da menina Luiza em ter o cabelo ondulado como o da irmã. Contudo, a menina sofre com os “absurdos que ela escutava na escola” e com o “silêncio dos(das) educadores(as)” (HORA, 2019, p. 13).

O texto de Sílvia Barros, intitulado “Carta de recomendação”, causa forte impacto ao questionar a exploração sofrida pelas revisoras de trabalhos acadêmicos. Exploração esta que torna-se um verdadeiro martírio, na medida em que percebe-se que muitas estudantes pretas precisam custear suas despesas na universidade. Isso traz à tona a questão da falta de políticas de permanência eficientes na universidade pública, por exemplo. A preta que está sendo recomendada precisa de trabalho. Dentre suas principais qualificações está o fato de que ela “é boa para escrever artigos acadêmicos adequados às normas da ABNT com citações de filósofos renomados da tradição europeia” (BARROS, 2019, p. 15), o que já indica uma forte crítica ao comércio de artigos científicos na academia. É a causa e a consequência.

“Chuva branca”, de Jussara Santos, ressalta o *bulling* sofrido por uma aluna negra e a situação de exclusão causada pelo fato da professora não provar o lanche levado por ela, ainda que degustasse os lanches dos outros estudantes, tecendo elogios, inclusive. A chuva branca de farinha de trigo, no seu

aniversário, é vista como uma forma de ser aceita pelos demais colegas. Contudo, o fim da história é trágico.

Dentre outros contos, “Brincadeira”, de Gisele Machado, também destaca-se principalmente por abordar o racismo na violência obstétrica, observe:

Quando fui ter meu primeiro filho, sofri as dores do parto por oito horas consecutivas. O médico disse que mulher preta é mais resistente à dor e não me deu anestesia nenhuma. Quando achei que não suportaria mais o sofrimento, ele disse: ‘na hora de fazer estava bom, né? Então agora aguenta (MACHADO, 2019, p. 65).

O texto escancara um dos principais problemas enfrentados pelas mulheres brasileiras que constituem famílias, pois na hora do parto, o racismo institucional mescla-se aos estereótipos cristalizados para o corpo negro, o que nos permite levantar questionamentos: será que o mesmo tratamento seria dado a uma mulher branca que estivesse (ou não) em condição de pobreza? Isso demonstra o engajamento da obra, por mais simples e curtos que sejam os contos e crônicas, em denunciar injustiças sofridas pelas mulheres negras no Brasil.

Os textos publicados na coletânea deixam transparecer ao leitor que sua origem está ligada à experiência de vida das autoras. A escritora e pesquisadora Conceição Evaristo criou o termo “escrevivência” para caracterizar a sua escrita enquanto mulher negra, pois acredita que os processos de escrita são contaminados pela subjetividade ou experiência de vida dos escritores.

As dificuldades enfrentadas na luta pela sobrevivência e o enfrentamento do racismo a cada dia, por exemplo, envolvem a escrita das autoras da coletânea em questão, demonstrando assim sua escrevivência. Segundo Conceição Evaristo, sua intenção enquanto mulher negra que escreve

a partir de sua vivência é “acordar os da Casa Grande, incomodá-los em seus sonos injustos” (EVARISTO, 2017).

A publicação de *Negras crônicas* também segue essa tendência, pois as crônicas e/ou contos ali presentes denunciam a opressão dessa mesma sociedade patriarcal, expondo ao leitor, de maneira breve e simples, as feridas existentes numa sociedade segregada, como a brasileira, em que, mesmo após mais de 130 anos da abolição da escravatura, ainda são negados às mulheres e homens negros diversos direitos essenciais para o exercício da cidadania.

Por fim, é importante salientar que a coletânea *Negras crônicas*: escurecendo os fatos tem sua origem ligada a um concurso cultural promovido pela editora Villardo, do Rio de Janeiro, para a publicação de novas autoras, todas mulheres negras. Isso já demonstra a seriedade do projeto e sua relevância, principalmente se for considerado o fato de que existem diversas instâncias canônicas no país, como academias de letras, a maioria delas pouco engajadas em revelar novos talentos e em abrir espaço para a publicação do texto de autoria negra ou afro-brasileira.

REFERÊNCIAS

EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. Belo Horizonte: Mazza, 2003.

EVARISTO, Conceição. Conceição Evaristo: ‘minha escrita é contaminada pela condição de mulher negra’. In: *Nexo Jornal*. São Paulo, 26 mai. 2017. Entrevista concedida a Juliana Domingos de Lima. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/entrevista/2017/05/26/Concei%C3%A7%C3%A3o-Evaristo-%E2%80%98minha-escrita-%C3%A9-contaminada-pela-condi%C3%A7%C3%A3o-de-mulher-negra%E2%80%99>>. Acesso em: 03 mar. 2020.

GONÇALVES, Ana Maria. *Um defeito de cor*. 14. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2017.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo*: diário de uma favelada. 9. ed. São Paulo: Ática, 2007.

OLIVEIRA, André de. Os negros como protagonistas na literatura num país de maioria negra. In: El País, 22-05-2018. Disponível em:

https://brasil.elpais.com/brasil/2018/05/21/cultura/1526921273_678732.html. Acesso em 21 jan. 2020.

Recebido em 09/03/2020.

Aceito em 14/10/2020.